

A UTILIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL LENDAS COMO INSTRUMENTO AUXILIADOR DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS

Maria Fernanda Soares; Marlene Maria Ogliari

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

fernanda_soares114@hotmail.com

mmogliari03@yahoo.com.br

Introdução

Alunos não alfabetizados e promovidos ao 3º ano do Ensino Fundamental foi uma realidade constatada em uma escola municipal, campo de aplicação de ações pedagógicas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), UFRPE-Letras, Unidade Acadêmica de Garanhuns – PE. Após aplicação de um teste, conforme modelo adotado pelo Programa “Alfabetizar com Sucesso”, em uma turma de escola municipal, do 3º ano do Ensino Fundamental, com 31 alunos, sujeitos deste estudo, formaram-se naturalmente 3 grupos, sendo que o 1º grupo foi formado por 3 alunos que poderiam ser considerados alfabetizados (domínio relativo do sistema alfabético e ortográfico da língua portuguesa escrita); no 2º grupo: 15 alunos demonstravam um domínio inicial do sistema alfabético da língua portuguesa escrita (alguma noção consistente do sistema alfabético da língua portuguesa escrita); 3º grupo: 13 alunos não alfabetizados, isto é, nenhum indício consistente de domínio do sistema alfabético do português escrito. Com base nessa realidade, este texto traz um recorte das ações pedagógicas desenvolvidas no projeto “A utilização do gênero textual lendas e o processo de alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagens”, aplicado a 5 alunos que situaram-se no grupo 2, acima especificado. Para esse grupo utilizamos como unidade de ensino o gênero textual lendas. Na fase do diagnóstico, além do resultado do teste acima referido, observamos também que, de um modo geral, todos os alunos tinham dificuldades em relação à leitura e à escrita e, em função disso, buscamos responder a seguinte questão: o gênero textual lenda, neste caso lendas e o contato com a escrita, seria uma forma de viabilizar o processo de alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagens?

A forma de utilizar histórias, que contenha alguma forma de alegoria, faz com que a criança preste mais atenção no conteúdo que está sendo exposto e, dessa forma, instigar nela a curiosidade e a possibilidade de fantasiar. Além disso, concordamos com o que se encontra nos PCN de Língua Portuguesa (1997), sobre a contação de história não ser apenas um ato de entreter o educando, mas principalmente, ser uma forma de acrescentar novos itens lexicais, novas estruturas textuais, novos gêneros textuais, ou seja, é um ato de linguagem e uma representação simbólica do real e, como tal, pode promover a aquisição de modelos linguísticos (BRASIL, 1997).

Levando em consideração a questão de que os gêneros textuais “lendas” poderiam promover a aprendizagem de crianças da faixa etária que trabalhamos, embasados nas colocações feitas acima, decidimos utilizar esse gênero textual como um recurso didático desencadeador da apropriação do ato de leitura, de interpretação e de produção escrita, em crianças alfabetizadas, com dificuldades de aprendizagens.

Metodologia

Uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa (TRIPP, 2005), foi proposta, pois este tipo de pesquisa possibilita acompanhar/reanalisar, neste caso, o desenvolvimento do processo de alfabetização, através de ações pedagógicas sequenciais, permitindo concretizar nossa meta de promover o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita, com alunos com dificuldades de aprendizagens, em um ambiente de letramento escolar. O primeiro contato com os 31 alunos participantes deste estudo deu-se pela observação, em sala aula, da rotina de atividades pedagógicas propostas pela professora regente da turma. Após essa etapa e de posse dos dados da observação das práticas pedagógicas e do teste escrito aplicado a todos os alunos, traçamos o diagnóstico desses alunos, resultando na formação de três subgrupos de alunos, tendo como critério o domínio do sistema alfabético ortográfico da língua portuguesa escrita: alfabetizados (3), fase inicial da alfabetização (15) e não alfabetizados (13). Os 15 alunos em fase inicial da alfabetização, foram reagrupados em 3 grupos de 5 alunos para serem acompanhados, individualmente, em torno de 1 hora, 1 vez por semana, durante 4 meses, por 3 bolsistas do Programa PIBID.

As atividades pedagógicas desenvolvidas com cada subgrupo de alunos, sob a responsabilidade de um bolsista PIBID, consistiam de leitura oral feita pelo pesquisador-participante, acompanhada pelo alfabetizando, seguida da interpretação oral do conteúdo veiculado pelo gênero textual “lenda”. Conforme foram progredindo, a leitura passou a ser feita pelos alunos-participantes. Após essas ações, iniciava-se a parte escrita que, no primeiro e segundo mês, consistiu de escrita/reescrita de palavras contidas nos textos lidos e, posteriormente, os alfabetizando participantes passaram a retextualizar todo o conteúdo veiculado pelo texto lido e interpretado nesses encontros. Após escrever, liam o conteúdo escrito por eles. A cada mês foi trabalhado uma lenda retirada do livro *Personagens encantados II*, da autora Ingrid Biesemeyer Bellinghausen.

A avaliação do como o processo de alfabetização dos alunos participantes estava acontecendo foi feita bimestralmente, e consistiu sempre de uma análise comparativa entre o primeiro texto, até a versão final do texto produzido pelo aluno-participante.

Resultados e Discussão

Após a formação aleatória dos subgrupos dos alunos que faziam parte do grupo 2, acima especificado, foi necessário fazer um novo diagnóstico com os 5 alunos que formaram, então, este subgrupo, cujas atividades foram conduzidas por uma das autoras deste texto. Para tanto, utilizou-se um alfabeto móvel disponibilizado pela própria escola. Notou-se neles, na formação das palavras selecionadas do texto lido, uma grande dificuldade na formação de palavras com estrutura silábica simples (sílabas abertas) e a dificuldade era ainda maior quando os alunos escreviam as palavras em um caderno de uso específico para estas atividades pedagógicas.

Após três sequências didáticas aplicadas e superadas as dificuldades quanto ao sistema alfabético de palavras com estrutura silábica simples, percebemos que não dominavam a escrita de palavras com sílabas travadas pela letra “s” como, por exemplo, nas palavras *gostava, castelo, homens e assusta*, pois grafavam, *gotava, catelo, homi e arsuta*. O uso dos conectivos nos textos narrativas que produziam era escasso ou inexistente. Além disso detectamos muitas trocas de grafema devido a uma transposição do oral na escrita, pois empregavam o “i”, ao invés do “e”, principalmente quando ele representava o conectivo “e”; monotongação de ditongos como nos exemplos: *ropa, coza, e bejo*, pois é dessa forma que se pronuncia oralmente na região onde esta ação de intervenção pedagógica foi aplicada.

Detectado essa regularidade nos “erros ortográficos” deste subgrupo, as sequências didáticas seguintes foram intensivamente direcionada/das para intervirmos nesse tipo de “erros ortográficos” predominantes. Passamos, então, a utilizar lendas que contivessem mais palavras com sílabas travadas pelo grafema “s”, conectivo “e” e palavras com ditongos, explicando, nestes últimos dois casos, uma das diferenças entre a modalidade oral e a modalidade escrita. A partir da oitava sequência didática foi observado um domínio progressivo do emprego das regras ortográficas, possibilitando, a partir de então, realizar um trabalho escrito de retextualização das lendas oralizadas pela bolsista participante deste estudo.

Dos 5 participantes do subgrupo, 4 foram considerados alfabetizados pela escola, isto é, apresentaram uma escrita alfabética ortográfica recorrente e relativa à escolaridade que detinham. Consideramos que esse resultado positivo foi atingido devido a uma conjunção de fatores: ações de alfabetização consistentes, focadas nas dificuldades do aluno; avaliações constantes tendo como referencial o processo individual de aprendizagem; refacção constantes e individuais das atividades pedagógicas propostas; frequência e parceria do aluno com a professora em formação e pesquisadora; 1 aluno não atingiu a meta visada. Entre as várias causas que podemos citar, consideramos que a não frequência constante e regular às aulas e a estas ações pedagógicas específicas, foi um dos fatores mais intervenientes nesse resultado negativo.

Conclusões

A partir dessa realidade, a professora em formação e bolsista do PIBID pôde constatar as dificuldades acerca do processo de alfabetização e letramento de alunos de contato restrito com da modalidade escrita da sua língua materna. Essa experiência com certeza fortaleceu a sua formação docente, principalmente por ter convivido em um ambiente que exigiu buscar formas de intervir pedagogicamente visando a superação das dificuldades de aprendizado de alunos do ensino público básico.

Quanto ao contexto de atuação, ele nos revelou que o processo de alfabetização e letramento é algo que deve ser trabalhado interruptamente, em comunhão escola e família. Além disso, percebemos a importância de um acompanhamento consistente sobre o caminhar de cada aluno nesse processo e, quando esse caminhar revela dificuldades, é preciso intervir, se possível individualmente para que a escola possa realmente cumprir com uma de suas funções sociais: desencadear o processo de aprendizagem do aluno.

Em síntese, podemos afirmar que cumprimos nossa meta de promover o desenvolvimento do processo de alfabetização e também o de letramento pelo estímulo à leitura e à escrita, já que eram alunos oriundos de famílias com raras ações de leitura e escrita no contexto familiar e, em decorrência dessa realidade, o contato dos participantes desse estudo com o texto escrito era praticamente nulo. A utilização do gênero textual “lenda”, favoreceu a inserção deles, paulatinamente, da alfabetização para o mundo do letramento.

Referências

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.



TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educação e pesquisa**. v.31 n. 3, 2005, p. 443-466.. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.>>. Acesso em: 31 jun. 2018.